

ALFABETIZAÇÃO NA DISCIPLINA GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA*

Célia Regina B. S. Silva**

Maria Cleonice B. Braga***

RESUMO — *O objetivo do presente artigo é discutir o conceito e o sentido de alfabetização na disciplina Geografia. Entendemos que as séries iniciais do Ensino Fundamental estão voltadas para alfabetizar a criança (ou o adulto) na leitura e na escrita; é preciso compreender o que é leitura e o que é escrita na disciplina ora em questão.*

PALAVRAS-CHAVE: *Alfabetização; Geografia; Ensino-Aprendizagem.*

ABSTRACT — *The objective of this work is to discuss the concept and meaning of literacy in Geography. Understanding that beginners' classes in Basic Education are directed towards teaching children (or adults) how to read and write, we believe it is necessary to understand the meaning of these skills from the perspective of Geography itself*

KEY WORDS: *Literacy; Geography; Teaching and Learning Process.*

INTRODUÇÃO

Em meio a tantas discussões desse final/início de século, a questão educacional destaca-se. É crise de escola moderna,

* Este artigo é resultado da reflexão teórica do Projeto de Pesquisa intitulado *A problemática da alfabetização geográfica nas séries iniciais do ensino fundamental*, que ora desenvolvemos no Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização Geográfica (GEPAG), vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização (NEPA) – Dep. de Educação (UEFS).

** Prof. Assistente do Dep. de Educação, Mestre em Geografia. E-mail: crbss@terra.com.br

*** Prof. Assistente do Dep. de Educação, Mestre em Geografia. E-mail: cleobbb@bol.com.br
Universidade Estadual de Feira de Santana – Dep. de Educação -
Tel./Fax (75) 224-8084 – BR 116 – KM 03, Campus - Feira de Santana/BA – CEP 44031-460.

das ciências modernas, associadas ao despontar de novas visões de escola, de educação que, juntas, imprimem um dinamismo ímpar ao sistema educacional. No bojo desse movimento, encontra-se a questão da alfabetização ou da analfabetização. Sem ela, os debates acerca da educação poderiam ser comparados a grandes árvores sem raízes, sem sustentação.

O fato de estarmos presenciando a emergência do período técnico-científico ou da Terceira Revolução Industrial, no qual a aliança da tecnologia com a ciência tem sido responsável pela criação de uma realidade hiperdinâmica, complexa e global, tem contribuído para que questões, antes consideradas domésticas, transformem-se em fatos que repercutem em escalas cada vez maiores. O analfabetismo é uma delas. No entender de GRAFF (1994:13),

A descoberta da persistente analfabetização nas sociedades avançadas levou à identificação da analfabetização, como um problema social e uma ameaça do final do século XX (...) à produtividade econômica, ao bem-estar nacional e a promessa de vida democrática.

No Brasil, país conhecido mundialmente pelo alto índice de analfabetismo, o problema ainda não recebeu um tratamento prioritário por parte dos seus dirigentes, apesar do muito que o governo federal tem feito para mostrar que o problema está sendo combatido avidamente. Mas esse é um assunto abrangente e complexo que não constitui, especificamente, objeto de análise deste trabalho, ficando, aqui, a sugestão de aprofundamento. O importante, neste momento, é destacar a repercussão do problema do analfabetismo, em nível mundial, e a preocupação do Brasil em demonstrar trabalho nessa área, a fim de poder continuar mantendo uma certa credibilidade econômica frente ao mercado internacional.

O fato é que, embora os números indiquem que o analfabetismo está sendo reduzido, pesquisas comprovam, paralelamente, a queda da qualidade do ensino em quase todos os níveis. Conclusão: aumentar a oferta de vagas (muitas vezes superlotando as salas de aula) é uma atitude necessária, mas

que só surtirá efeito se vier acompanhada do compromisso com a manutenção do aluno na escola, com garantia de qualidade de ensino.

O contexto, como se vê, justifica o desenvolvimento de estudos e projetos voltados para a análise e proposições acerca do a(na)lphabetismo no nosso país e, em especial, na Bahia, onde o índice de analfabetos é proporcionalmente inverso aos referentes à qualidade do ensino.

Compromissadas e envolvidas com a questão, objetivamos, com o presente trabalho, colocar à disposição da comunidade educacional nacional um material que visa refletir nossa preocupação com o problema da alfabetização na disciplina Geografia. O que significa alfabetização geográfica? Ela existe, de fato? Qual a sua importância do ponto de vista sociopolítico?

DISCUTINDO O SIGNIFICADO DE ALFABETIZAR

Para iniciar, entende-se ser necessário esclarecer o seguinte questionamento: O que o trabalho está compreendendo por alfabetização?

A discussão exige que se passeie um pouco por obras que tratam teoricamente das diversas concepções de alfabetização. Em linhas gerais, podem-se classificá-las em dois grupos: as que entendem o processo de alfabetização como algo que tem um início e um final, e as que ampliam esse entendimento para algo que acontece durante toda a vida. No nosso país, o entendimento de alfabetização que permeia o sistema educacional, inclusive norteia a própria divisão da primeira fase do Ensino Fundamental¹, é a aqui contemplada no primeiro grupo.

As primeiras, apesar de aqui se encontrarem incluídas num mesmo grupo, apresentam diferenças marcantes. Essas diferenças exigem que se criem dois subgrupos: o primeiro entende a alfabetização como sendo a aquisição da leitura e da escrita do alfabeto, apenas; o segundo considera que, além da codificação e decodificação do alfabeto, o processo de alfabetização envolve, também, a construção de habilidades e compreensões que permitam um viver mais consciente e crítico.

SOARES (1998) discute o conceito de *alfabetização* com base na diferenciação entre esse conceito e o conceito de

letramento. Segundo ela, alfabetização é o processo de tornar o indivíduo alfabetizado, ou seja, capacitado para o domínio do código escrito. Já no letramento, o indivíduo faz uso da leitura e da escrita, sem, necessariamente, dominar a leitura e a escrita do alfabeto. Diz ela:

A pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é analfabeta – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (p. 36).

Fica claro, portanto, que, de acordo com essa concepção, o termo alfabetização deve ser usado no sentido restrito, específico, etimológico, a saber, ... *levar à aquisição do alfabeto, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever* (SOARES, 1974:19). A alfabetização assim entendida insere-se no subgrupo que defende a alfabetização como conhecimento e domínio das letras do alfabeto, ou seja, o primeiro.

Essa concepção de alfabetização, apesar de ainda predominar na instituição escola, em termos teóricos, vem sendo bastante combatida por ser considerada limitada para a formação do cidadão contemporâneo. Nessa perspectiva, alfabetização constitui processo mais abrangente, que compreende capacidades e conteúdos múltiplos.

De acordo com PIMENTA,

Estamos entendendo a alfabetização para além de um simples domínio das técnicas de ler e escrever. Uma pessoa não será alfabetizada se apenas dominar a grafia; se reproduz mecanicamente as letras. Mas se for capaz de compreender os significados, dominar os símbolos e for capaz de ler, compreender, criar a partir desse domínio básico da linguagem oral, escrita, gestual, cultural. Portanto, o conceito de alfabetização é um conceito bastante amplo. Não podemos dizer que estamos alfabetizando, quando

simplesmente estamos ensinando a grafia das letras (in: Revista do Congresso de Educação Continuada,1992:50).

Embora a autora conceba alfabetização enquanto um processo finito, está claro que, para ela, o termo tem um sentido muito mais abrangente do que o inicial. Também para BRAGGIO (1992),

Alfabetização é um fenômeno social complexo que é determinado pelo papel da língua escrita no funcionamento de uma comunidade. Alfabetização, então, é muito mais do que a habilidade técnica ou um conjunto de comportamentos isolados que podem ser considerados independentemente do contexto social no qual ocorre. (...) É um complexo de habilidades funcionais entre os quais a habilidade para decodificar é somente o primeiro passo (p.40).

Defendendo a concepção de alfabetização como um processo permanente, ou seja, que ocorre durante toda a vida, aparece HERNÁNDEZ, para quem

Uma das finalidades da alfabetização seria favorecer a obtenção de uma série de competências – em um processo que começa, mas que nunca termina – que nos levem a formas mais elaboradas e relações de conhecimento da realidade e de nós mesmos (2000:17).

Existem, portanto, muitas concepções e tipos diferenciados de alfabetização. Harvey GRAFF (1994) afirma que existe o alfabetismo alfabético, que é o que temos discutido até o momento, o visual e o artístico, o espacial, o matemático, dentre outros. O mundo contemporâneo é imagético; essas imagens são cada vez mais heterogêneas, diversas. Assim, respaldando-nos em FRAGO (1993), entendemos que *Uma concepção mais ampla de alfabetização deveria contemplar também a capacidade para decifrar/decodificar outros signos diferentes dos alfabéticos...* (p.42). As imagens, as paisagens, enfim, o mundo, com todos os seus instrumentos de comunicação, precisa ser lido (compreendido) e escrito (representado), e a Geografia enquanto disciplina escolar precisa se responsabilizar pela alfabetização do aluno nessa linguagem, a geográfica. Mas que linguagem é essa?

O QUE ENTENDEMOS POR ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA?

A discussão sobre alfabetização na Geografia é recente, haja vista que a própria noção de alfabetismo foi quase sempre vinculada a “... *aquisição da leitura, secundariamente (a) o domínio das quatro operações – somar, diminuir, multiplicar e dividir. Muito raramente, de forma difusa e confusa, há lugar para Estudos Sociais*” (CALLAI e CALLAI, 1995:61). Sim, porque é preciso lembrar que, na maior parte dos currículos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental (SIEF), Geografia ainda permanece sendo trabalhada junto com História, na disciplina Estudos Sociais, como frisaram os autores. Mas, apesar de recente, já existem alguns estudos voltados para a temática² em questão.

Se a Geografia é a ciência responsável pela explicação da ordenação espacial, aqui entendida como resultante da relação sociedade – natureza, alfabetizar geograficamente significa, portanto, oferecer condições para que o aluno adquira noções (habilidades procedimentais, conceituais e atitudinais) básicas sobre o espaço. Para ser considerado alfabetizado, o aluno precisa dominar conhecimentos que lhe permitam ler e escrever o espaço. E quais seriam esses conhecimentos? Qual seria o alfabeto geográfico?

Segundo CASTROGIOVANNI, alfabetização geográfica ou espacial

...deve ser entendida (como) a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaboradas dinamicamente pelas sociedades. (Aqui), a representação dos segmentos espaciais é fundamental no processo de descentração do aluno facilitando a leitura do todo espacial (2000:11).

Como se vê, de acordo com essa concepção, o processo de alfabetização geográfica é algo diretamente ligado ao entendimento de representações cartográficas, de mapas, plantas, desenhos, símbolos. Ler o espaço exige do aluno o domínio de procedimentos, como, a observação, a descrição, a inter-

pretação; de noções conceituais, a exemplo de, sociedade, natureza, lugar, paisagem, território. Escrever, aqui, significa desenhar, representar através de símbolos, os elementos que existem no espaço. É um processo, portanto, finito.

Partindo da nossa experiência/conhecimento do tipo de ensino de Geografia que vem constituindo prática em boa parte das escolas feirenses, podemos induzir que as concepções de Magda SOARES (Op.cit.) sobre **alfabetização e letramento** podem nos ser bastante úteis para explicar o que, efetivamente, vem sendo a alfabetização geográfica e, respectivamente, o que vem sendo pleiteado, almejado, em termos de propostas de ensino.

A carência de uma formação consistente para a docência da disciplina faz com que a maioria dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental desenvolva uma alfabetização geográfica com significado bastante restrito, semelhante, embora com suas especificidades, ao conceito de alfabetização da autora. Que alfabetização é essa, o que a caracteriza na Geografia?

Influenciadas pela visão de alfabetização geográfica como uma preparação do aluno para a leitura e representação do espaço, algumas escolas³ vêm tentando desenvolver uma prática na qual são dadas prioridades às atividades ligadas a Cartografia, atividades essas que, em geral, valorizam os espaços considerados mais conhecidos dos alunos. Entretanto, o que se percebe é que os alunos “... *chegam à quinta série do Ensino Fundamental (Terceiro Ciclo) sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal alfabetização*” (CASTROGIOVANNI, Op.cit.p.11). A falta de uma formação específica mais aprofundada constitui um dos principais inibidores do trabalho dos professores que atuam nessa fase do ensino, determinando, assim, o exercício de uma prática em que os conteúdos são ensinados sem uma articulação com os objetivos maiores da disciplina.

É comum, nas aulas de Geografia das SIEF, o desenvolvimento de atividades de representação (desenho do corpo, da sala de aula, da escola etc.) das quais as crianças e, em muitos casos, os professores não têm idéia do porquê, da finalidade,

ou seja, não conseguem enxergar qualquer relação entre essas atividades e suas vidas. Executam-nas porque a professora pediu ou mandou, porque é responsabilidade e, não, porque compreendam a importância delas para o entendimento da realidade, do mundo em que vivem.

A partir disso, deduz-se que os alunos podem até aprender a representar, mecanicamente, um espaço, a decalcar mapas, a observá-lo e descrevê-lo, mas é uma atividade cuja funcionalidade que eles não conseguem entender nem tão pouco, a relação daquele ato com suas vidas. Como bem disse CASTROGIOVANNI,

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as *novas leituras da vida*. *A vida fora das escolas é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias(...)*. *A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características* (Op.cit.p.13).

As aulas de Geografia são, hoje, um exemplo disso. Assim, a alfabetização geográfica que se pratica nas nossas escolas é, sobretudo, um mero aprendizado de representação e descrição do espaço que, em alguns casos, sequer é acompanhado das especificidades que as atividades cartográficas exigem para esse tipo de ensino. É um aprender mecânico de representações, símbolos, bastante similar ao processo de alfabetização descrito anteriormente por SOARES, em que as atividades de codificar e decodificar o alfabeto constituem a essência do processo. (Op.cit). A diferença aqui está no alfabeto que, para a Geografia, são os diversos símbolos utilizados no processo de codificação e decodificação do espaço. Ao invés de o aluno se ocupar com o traçado das letras, desenvolve atividades visando o aprendizado da representação (desenhar, criar símbolos para substituir os elementos da realidade), e leitura (saber identificar esses símbolos) do espaço em que vive.

Isso, entretanto, não reflete o nível das propostas teórico-metodológicas para a alfabetização geográfica que estão cada

vez mais substanciais, oferecendo a oportunidade de os professores poderem dispor de fontes que possam subsidiar seus trabalhos, embora tenhamos consciência do longo percurso a ser transposto até que esses referenciais possam atingir maciçamente as escolas.

Existem diversas concepções acerca da alfabetização na disciplina Geografia, maioria delas partilham o entendimento de que ela possui um vocabulário específico, um corpo conceitual próprio, de que o aluno precisa se apropriar para poder compreender a realidade, do ponto de vista da sua ordenação espacial.

Nesse sentido, o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Isso porque se tem a convicção de que a prática da cidadania, sobretudo nessa virada do século, requer uma consciência espacial (CAVALCANTI, Op.cit.p.24).

Predominantemente embasadas nas teorias do desenvolvimento cognitivo de J. PIAGET e VYGOTSKY, privilegiam a exploração dos conhecimentos espaciais trazidos pelos alunos e defendem a tese de que nas SIEF a criança deve desenvolver atividades que lhe permita compreender, baseado em referenciais geográficos, o espaço em que vive. As noções cartográficas são consideradas por todas elas como um instrumento básico indispensável para o aprendizado dessa disciplina.

Entretanto, é importante que se atente para algumas especificidades que podem facilitar o desenvolvimento da alfabetização geográfica. Ler e escrever, em geografia, não exigem, necessariamente, o domínio da leitura e a escrita das letras. A concepção de **letramento** de SOARES é, para nós, de grande valia, no sentido de embasar esse entendimento. Ao chegarem à escola, mesmo as crianças menores (em termos de faixa etária) trazem consigo uma visão do lugar em que vivem e são capazes de expressar (oralmente ou representando) esse entendimento. Fazer leituras acerca dos seus espaços cotidianos, representarem ou falarem sobre eles não estão, necessariamente, na dependência do domínio da grafia e de leitura das letras. Como disse BRAGGIO,

Spiro, Bruce e Brewer (1980) asseguram que o conhecimento anterior e as experiências passadas são a base para a compreensão da leitura, porque muito antes que as crianças leiam, elas têm experiências com o mundo e com a língua (1992:43).

No decorrer da história, a leitura do mundo sempre antecedeu a escrita do mundo. Primeiro, produziam-se as ações, as transformações, depois, registravam-nas. Segundo FREIRE,

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e a seguir escreveram as palavras. Esses são momentos da história. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo (1994 : XV).

É importante enfatizar que, quando se trata de alfabetizar o aluno em Geografia, precisamos considerar a leitura que esse aluno traz do mundo em que vive. E que esse entendimento pode vir a ser ampliado, mesmo antes de a criança dominar a escrita e a leitura do alfabeto, haja vista que para expressar suas idéias, seus conhecimentos, ela pode usar a palavra ou o desenho, a representação.

Em síntese, embora tenhamos ciência da importância do domínio da leitura e da escrita acadêmica convencional para a formação da criança, defendemos uma maior exploração das múltiplas capacidades que o aluno possui e podem auxiliá-lo no entendimento do mundo. Não podemos mais continuar justificando o “não – ensino” de Geografia nas primeiras séries do Ensino Fundamental, pelo fato de as crianças não saberem ler e escrever no sentido alfabético do termo, pois, como disse BRAGGIO, “... a palavra é o veículo através do qual o educando lê o mundo, reflete sobre ele, conscientiza-se de seu papel nele e com ele” (Op.cit.p93).

NOTAS

- ¹ Apesar de legalmente já haver sido aprovada a divisão do Ensino Fundamental em quatro ciclos, ainda predomina a seriação anual que é iniciada após a “alfabetização”.
- ² Apenas como exemplo, citamos os trabalhos de ALMEIDA E PASSINI (1998), CALLAI E CALLAI (1996), CASTROGIOVANNI (Org.) (2000) e SHAFFER (1998).
- ³ Estamos nos embasando no ensino praticado em algumas escolas municipais de Feira de Santana, onde desenvolvemos pesquisa e outras atividades ligadas ao ensino nas disciplinas de Estágio Supervisionado e Metodologia do Ensino em Geografia.

REFERÊNCIAS

BRAGGIO, Silva L. Bigonjal. **Leitura e Alfabetização** – da concepção Mecanicista à Sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CALLAI, Helena; CALLAI, Jaeme Luiz. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1995.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na Sociedade e na História**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993 (Série Teoria e Crítica).

FREIRE, Roberto; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HERNANDEZ, Fernando. Algumas questões sobre ALFABETIZAÇÃO: entre a compreensão do local e do global. **Pátio – revista pedagógica**,. Porto Alegre, ano 4, n.14, 2000.

GRAFF, Harvey J. **Os Labirintos da Alfabetização: reflexões sobre o passado e presente na alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. Projeto pedagógico e identidade da escola, In: **Revista do Congresso de Educação Continuada**. 1992.

SOARES, Magda B. As muitas facetas da Alfabetização. **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, n.52, p.26-38, set. 1985.